UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Autorizada pelo Decreto Federal nº 77.496 de 27/04/76
Recredenciamento pelo Decreto nº17.228 de 25/11/2016
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
COORDENAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA

XXV SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UEFS
SEMANA NACIONAL DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA - 2021

SAÚDE MENTAL E CLÍNICA DAS PSICOSES: SINTHOMA E LAÇO SOCIAL EM QUESTÃO

Maria Clara Carneiro Bastos[1]; Rogério de Andrade Barros[2]
1. Bolsista PROBIC/UEFS, Graduanda em Psicologia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: contatomariaclaraa@gmail.com
2. Orientador, Departamento de Ciências Humanas e Filosofia, Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: rabarros1@uefs.br

PALAVRAS-CHAVE: Sinthoma; Psicose; Laço Social.

INTRODUÇÃO

Para a psicanálise, historicamente, defrontar-se como o campo da saúde mental é responder do não-lugar, da intrusão, à vista que parte de outra lógica (BELAGA, 2011). Esse cenário tem passado por transformações quando a Reforma Psiquiátrica, compreendida como um novo paradigma da saúde mental inaugurou o diálogo entre diferentes saberes para sua orientação e consolidação, dentre tantos, o saber psicanalítico é mais um a fazer contribuições possíveis para a prática nesse território discursivo (GUERRA; SOUZA & VIEIRA, 2006).

A leitura psicanalítica de orientação lacaniana nos permite rever o processo de reinserção social não só para aqueles que sofrem sua ausência da norma edipiana, mas compreender como o sujeito, seja neurótico ou psicótico, fia-se no tecido social a partir de modos particulares de entrar no discurso, nos permitindo, assim, refletir sobre a própria exclusão social. Ao tomar o conceito de laço social como um modo de entrar no discurso, podemos problematizar a intolerância ao diferente, o repúdio à alteridade evidente, o preconceito contra a loucura e seus efeitos de restrição à liberdade. Essa perspectiva convoca para o primeiro plano o sujeito de direito e responsabilidade (MILLER, 2011).

Partindo destes *a prioris*, o presente estudo objetiva compreender como se estabelece o laço social na psicose a partir da psicanálise de orientação lacaniana, articulando com o conceito de sinthoma. Esse objetivo geral se desdobra nos seguintes objetivos específicos: fazer uma revisão de literatura do conceito de laço social, articulando-o com o conceito de sinthoma, e, diferenciar o laço social na neurose da psicose. Esta investigação está articulada a pesquisa "O conceito de sinthoma em Lacan e suas consequências clínicas" (LAPPSI/UEFS – CONSEPE Nº 067/2017).

MATERIAL E MÉTODOS OU METODOLOGIA (ou equivalente)

Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo, que configura-se, também, quanto aos seus objetivos, como pesquisa de tipo exploratória. No que tange ao delineamento, se

caracteriza como uma pesquisa bibliográfica. Segundo Cervo e Bervian (1983) a pesquisa bibliográfica "explica um problema a partir de referenciais teóricos publicados em documentos" (p. 55). Por se tratar de uma pesquisa em psicanálise, destacam-se particularidades referentes à construção de saber nesse campo. Para tanto, é necessário reconhecer o lugar da psicanálise em denunciar um furo no conhecimento, apontando um não saber sobre o que não se esgota pela via das palavras (RODRIGUES, et. al, 2005).

Os dados coletados na pesquisa bibliográfica (CERVO; BERVIAN, 1983) serão analisados a partir de publicações e estudos acerca da saúde mental e da psicanálise no campo das psicoses, especialmente articulando os conceitos de laço social (LACAN, 1969-1970/1992) e sinthoma (LACAN, 1975-1976/2007). Propomos um percurso teórico que perpassa por dois momentos da clínica das psicoses: 1) a clínica da foraclusão do Nome-do-Pai, do Lacan (1955-1956/1988) estruturalista, do recurso primordial da linguagem e da psicose como déficit frente ao recurso simbólico da neurose. 2) a clínica do sinthoma (LACAN, 1975-1976/2007), da clínica orientada ao real, tomando o sinthoma como invenção do sujeito para resolver-se com o irredutível de seu gozo.

RESULTADOS E/OU DISCUSSÃO (ou Análise e discussão dos resultados)

Como resultados, identificamos que a psicanálise possibilita uma clínica pautada na responsabilidade do sujeito e de sua singularidade como diretrizes éticas na condução de intervenções no campo da saúde mental. É a partir do conceito de laço social, formulado por Lacan (1969-1970/1992), que poderemos ver as soluções, bricolagens e sinthomas que cada um se ampara para construir a sua realidade, sempre psíquica.

Lacan (1932/1987) jamais deixou de se interessar pelos estudos acerca da psicose, tema de sua tese de doutorado, intitulada *Da psicose paranóica e suas relações com a personalidade.* O exercício lacaniano de revisitar a Freud denuncia sua postura diante da psicose, entendendo-a segundo sua lógica, especificação e determinação. Para tanto, a psicose não é um estado no qual qualquer um pode apresentar, e sim, como uma estrutura clínica que se difere da neurose.

A psicose, como estrutura clínica se revela no dizer do sujeito, correspondendo a um lugar particular na articulação dos registros real, simbólico e imaginário. Como apresenta Quinet (2014) "na psicose, assim como na neurose, trata-se da estrutura da linguagem, ou melhor, da relação do sujeito com o significante" (p. 4). Destarte, não há tratamento que não seja efetivado através de um discurso, sendo assim, toda proposta de tratamento se insere num laço social. O humano como ser de linguagem, não poderia se esquivar da interação com o universo simbólico, porém, é justamente na relação com o significante que se instaura questões sobre a loucura de cada um. Para tal, é através desse registro que Lacan (1958/1998) demarca a condição imprescindível para compreensão do sujeito psicótico: a foraclusão do Nome-do-Pai no lugar do Outro e o fracasso da metáfora paterna.

A marca do Lacan (1955-1956/1985) estruturalista já apresenta que, a psicose ainda nas particularidades de sua estrutura estabelece laço com aquilo externo a sua realidade psíquica. Ainda que de maneira rudimentar, o sujeito psicótico significa diante de suas possibilidades, as experiências que lhe tomam o corpo. Neste lugar, já se indica a aposta

da inscrição da psicose no discurso, tendo como ponto de partida a identificação daquilo que se trata o delírio, fazendo deste um modo de enfrentamento ao insuportável, de comunicação e de laço com o mundo externo.

Em seu último ensino, iniciado nos anos 70, Lacan (1975-1976/2007) propõe uma mudança no estatuto do sintoma. Se, antes, o sintoma partia da ordem do deciframento, nessa outra conjuntura, a ênfase é colocada na vertente do gozo do sintoma. O sinthoma é pensado como um modo ou uma fixação de gozo, algo que faz amarração (MILLER, 1998).

Conforme referido por Miller (1998), Lacan (1975-1976/2007) estabelece outro estatuto à noção de sintoma, apostando em uma relação do sujeito com a linguagem de forma a ter que inventar o Outro que não existe, valendo-se da psicose para exemplificar as variadas e inéditas formas de invenção que os psicóticos necessitam fazer. A invenção, que é a construção de uma função original e diversificada diante daquilo que não existe, adquire maior propriedade, pois o psicótico testemunha essa inexistência, e, se pode dizer, sem o recurso a nenhum discurso estabelecido, tendo que inventar uma função ou uma relação inédita (MILLER, 2003). Assim, é importante pensar a relação do psicótico com a linguagem e, portanto, com o discurso, pois, se a posição do psicótico em relação ao discurso for de exterioridade, não se pode esquecer, também, que ele tem contato com os variados discursos estabelecidos do mundo, havendo aí uma possibilidade de ele se valer dos discursos como parceiros.

É nessa esteira, tomando as reformulações e avanços do último Lacan (1975-1976/2007) que, a psicanálise parte da psicose como paradigma de leitura do contemporâneo. Pois, frente aos novos sintomas, manifestações que não fazem apelo à decifração e que representam um mais de gozo que, não se estruturam pela norma edipiana, a psicose é compreendida como estrutura possível, posto que não há relação sexual, pois a própria linguagem já aponta para algo que resta de não-articulável na cadeia significante, podendo esse resto circular (MILLER, 2000).

CONSIDERAÇÕES FINAIS (ou Conclusão)

A clínica psicanalítica se apresenta como possibilidade de inserção da loucura no meio social, por basear-se no distanciamento de proposições universalistas e de classificações identificatórias. A clínica do sinthoma aproxima-se da clínica do real e da solução singular que cada ser de fala estabelecer para manter-se no laço social. Sendo assim, a psicose faz laço com aquilo que condiz e corresponde ao real de sua realidade psíquica.

A psicanálise se debruça onde há um vazio, local que o discurso demagógico, científico e intelectual não alcança. O exercício psicanalítico só se torna possível, pois a linguagem está para todos, sendo o sujeito do inconsciente quem organiza, a partir da sua estrutura psíquica, as possibilidades de fazer laço (MILLER, 2005). É justamente aí que se encontra a grandeza de um fazer sutil e singular: seja na direção do tratamento na neurose ou na assessoria e testemunho de sua verdade inventada na psicose, a aposta psicanalítica no inconsciente sempre demonstra uma invenção política de cada um às amarras sociais que regem e anulam o ser social do gozo sem medidas.

REFERÊNCIAS

BELAGA, Guillermo A. La Salud Mental, lo inevitable de una totalidade fallida: notas para ENAPOL. A saúde de todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise. Alejandra Glaze, Fernanda Otoni Barros Brisset e Maria Elisa Delecave Monteiro (orgs.). Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN. Pedro Alcino. Metodologia científica: para uso dos estudantes universitários. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

GIL, Antonio Carlos. Métodos e técnicas de pesquisa social. 6. ed. – São Paulo: Atlas, 2008.

GUERRA, Andréa Máris Campos; VIEIRA E SOUZA, Pollyana. Reforma psiquiátrica e psicanálise: diálogos possíveis no campo da inserção social. *Psicologia para América Latina*, 2016.

LACAN, Jacques. Da psicose paranoica em suas relações com a personalidade. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1987. (Lições originalmente publicadas em 1932).

LACAN, Jacques. De uma questão preliminar a todo tratamento possível das psicoses. In Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998. (Lições originalmente publicadas em 1958).

LACAN, Jacques. O seminário, livro 17: O avesso da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992. (Lições originalmente publicadas em 1969/1970).

LACAN, Jacques. Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In: Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

LACAN, Jacques. O Seminário, livro 23: O sinthoma. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007. (Lições originalmente pronunciadas em 1975-1976).

MILLER, Jacques-Alain. A invenção Psicótica. In Opção Lacaniana, 36, 6-16. São Paulo: Edições Eólia, 2003.

MILLER, Jacques-Alain. Conversação. In: Os casos raros, inclassificáveis, da clínica psicanalítica: a conversação de arcachon. São Paulo: Biblioteca Freudiana Brasileira, 101-188, 1998.

MILLER, Jacques-Alain. Os seis paradigmas do gozo. In Opção Lacanian , 26/27, 87-105. São Paulo: Edições Eólia, 2000.

MILLER, Jacques-Alain. Saúde mental e ordem oública. In: A saúde de todos, não sem a loucura de cada um: perspectivas da psicanálise. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

QUINET, Antonio. Psicose e laço social. Esquizofrenia, paranóia, melancolia. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2014.